

TIPOS CONSTRUCTIVOS DE IGLESIAS: ESTUDIOS DE CASO EN RIO GRANDE DO NORTE – BRASIL

Maria Raquel Galvão Leite
Rui H. C. Fernandes Póvoas
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Portugal

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a importância dos edifícios antigos no conjunto edificado do país e a significância histórica, cultural e arquitetônica da igreja, torna-se evidente a insuficiência de ações voltadas para a manutenção e conservação desses templos.

Com o intuito de avançar na direção do estabelecimento de uma metodologia de análise e intervenção, visando um acréscimo de qualidade das soluções de reabilitação e manutenção das igrejas em estudo, tornou-se relevante a elaboração do inventário construtivo das igrejas norte-riograndenses, contribuindo para o conhecimento e registro dos elementos que compõem esses templos e, conseqüentemente, para a definição de uma forma de tratamento adequada para a sua revitalização.

OBJETIVO

O objetivo pretendido foi concretizado através da estruturação de dados baseados nas informações fornecidas pela edificação, sendo indispensável, para além do desenho arquitetônico, agregar aspectos históricos, os quais fizeram da cronologia um elemento relevante para a tipificação dos materiais e técnicas construtivas utilizados nas igrejas. Neste contexto, foi realizado o estudo de um conjunto significativo de igrejas erguidas do século XVII ao XIX, considerando primordialmente as edificações que possuísem elementos originais da sua fundação¹.

Neste trabalho, destaca-se o resultado de um estudo minucioso de dois bens patrimoniais do estado do Rio Grande do Norte: as ruínas das Igrejas de São Miguel, no município de Extremoz, e de Santa Rita de Cássia, no município de Pedro Velho, datadas dos séculos XVIII e XIX respectivamente. O estudo realizado tinha como finalidade obter o maior número de dados possíveis a partir de visitas *in loco*, em função da possibilidade de acesso e riqueza de informações reveladoras da composição e concepção de uma edificação, garantidos, no caso, pela existência desses templos sagrados que resistiram ao tempo e às ações humanas.

¹ LEITE, 2010, p. 40

Igreja de São Miguel – Município de Extremoz – séc. XVIII

Localização

Extremoz está situado na mesorregião do leste potiguar, limitado pelos municípios de Ceará – Mirim, Natal e São Gonçalo do Amarante. Nessas terras, até ao final do século XVII viviam os índios Tupis e Paiacus, nas margens da Lagoa de Tijuru, hoje conhecida como Lagoa de Extremoz, pertencentes à missão jesuítica de catequese.

Segundo Souza², a igreja e convento dos jesuítas em Extremoz foi um dos mais belos exemplares arquitetônicos do Rio Grande do Norte. Datado de 1755 (término da construção), constituía um marco na arquitetura barroca do estado, hoje vencido pela ação do tempo e do homem (Fig.01).



Fig. 1: Igreja de São Miguel -Extremoz/RN.

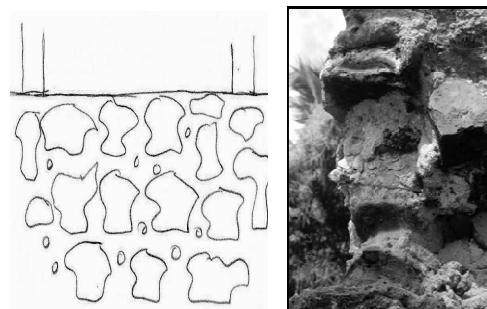


Fig. 2: Uso da pedra nas fundações (des. esquemático) e do tijolo em edificações do séc. XVIII

Dados coletados

De acordo com a observação efectuada *in loco*, a ruína da igreja de São Miguel apresenta a fundação toda em pedra, situada possivelmente a uma profundidade de 1,00m a 1,20m. As pedras são assentadas com argamassa de cal e barro (Fig. 02).

A pedra utilizada, não só para a fundação, mas também para as paredes estruturais, é a chamada laterita, muito frequente em todo o litoral do estado.

São rochas ferruginosas, de cor escura (pedra preta ou de maré), bem características de regiões de climas intertropicais úmidos.

A laterita foi utilizada abundantemente em todo o sistema construtivo característico dos primeiros séculos de colonização, quando os recursos de materiais e técnicas a serem usados na construção eram bem escassos. É uma pedra que oferece boa trabalhabilidade e de fácil obtenção.

O tamanho dos blocos é muito variado, podendo chegar a medir 63 cm de largura x 34 cm de altura, dimensões encontradas até mesmo nas paredes. Estas, por sua vez, possuem aproximadamente 64 cm de espessura, podendo atingir 120 cm em locais de maior esforço mecânico, como ocorre nas paredes que sustentam o arco cruzeiro.

A alvenaria de pedra irregular ou ordinária é constituída por pedras maiores, formando os paramentos interior e exterior, enquanto o intervalo entre ambos é preenchido por pedras miúdas imersas na argamassa de cal, originando um material composto semelhante a um concreto.

Até uma altura de 1,40m, a pedra é empregue seguindo as condições acima citadas, verificando-se após essa cota o emprego do tijolo de barro cozido (técnica de alvenaria mista). O nivelamento acontece, aproximadamente, a cada 50 cm, com a colocação de fileiras de tijolos. Em alguns pontos ocorre uma presença maior de tijolos do que de pedra, talvez por razões de ordem económica ou de facilidade de execução.

O tijolo também é usado largamente na definição dos vãos de portas e janelas, designadamente na execução das vergas, neste caso retas, e dos restantes elementos que compõem as molduras das referidas aberturas.

² in LIMA, 2002, p. 62

Relativamente aos tijolos encontrados, estes existem numa diversidade de tamanhos e cores. Alguns medem 30 cm x 18 cm x 05 cm, outros 25 cm x 16 cm x 05 cm e ainda mais largos, chegando a 35 cm x 18 cm x 13 cm. Tais variações são ocasionadas pelas diversas maneiras de utilização do tijolo no período colonial, que se refletem em variadas formas, dimensões e especificações (Fig.02). Entre os séculos XVI e XVII, o uso do tijolo enquadrou-se nos ditames dos “tratados” luso-brasileiros e o resgate das tradições clássicas, o que se traduziu na sua utilização preferencial em abóbadas, arcos, como “formas” e como auxiliar (nivelamento e estruturação) na execução de alvenaria de pedra. Já no século XVIII, o seu uso tornou-se generalizado.

A fabricação dos tijolos cozidos era realizada em fornos de meda, uma solução precária e simples utilizada abundantemente no período colonial. O resultado são produtos de baixa qualidade, grande irregularidade e de mau cozimento. Muitos dos tijolos apresentam ainda a marca de prova, introduzida quando os trabalhadores tateavam o material para perceber se já se encontravam no estado ideal para uso. Têm uma superfície bastante rugosa e com saliências nas extremidades, pesando, em média, cerca de 3,20 kg. Quanto às cores, estas variam em função do tipo de argila empregue para fabricação do tijolo. Podem ser avermelhadas ou amareladas, devido à quantidade de silicato aluminoso hidratado, rico em ferro e alumina, ou até mesmo acinzentadas, sendo esta última coloração proveniente do uso de argila caulínica (popularmente denominada por barro branco).

A argamassa aplicada em toda a construção é a chamada de bastarda, com uma composição de cal e barro, possivelmente no traço de 1:3. Entretanto, uma análise mais apurada permite perceber, numa escala bem menor, a presença de finos grãos de areia, que se acredita serem provenientes do tipo de barro aplicado, que pode trazer na sua própria formação esses grãos. Conhecida vulgarmente como areia barrada ou areno-argilosa, é de utilização bastante frequente nas construções do estado.

No que diz respeito ao piso, cobertura, forro, coroamento e cunhais, não existem registros detalhados da sua constituição, sabendo-se, apenas, e a partir de relatos de Câmara Cascudo³, que “o mais belo templo barroco da capitania media 16 metros de altura e 30 metros de comprimento”. A cimalha e o frontão de três metros e meio de altura vieram de Portugal (de Lisboa, certamente), com suas pedras desmontadas e numeradas para posterior colocação. Algumas lajes enormes tinham sido polidas como espelho, e a cruz que encimava a cimalha, quando caiu o cruzeiro, foi posta no pátio em sua substituição, tal a sua proporção⁴.

Importa, no entanto referir, que não foram visualizados documentos capazes de descrever com precisão todos os aspectos indicados, ficando uma grande interrogação a respeito da aquisição e uso do material empregue na época da fundação da igreja e do convento jesuítico, hoje praticamente inexistente.

Igreja de Santa Rita de Cássia – Município de Pedro Velho –
séc. XIX

Localização

O Município de Pedro Velho está situado a 92 km ao sul da cidade do Natal, capital do Estado e pertence à mesorregião leste do Rio Grande do Norte.

Em território outrora habitado por índios tupis, na margem esquerda do rio Curimataú, surgiu o povoado de Cuitezeiras, agora chamado de Pedro Velho. Vilarejo pertencente à

³ Câmara Cascudo, 1955, p. 239-240

⁴ LIMA, 2002, p. 62

Canguaretama, trazia em seu nome uma referência à grande quantidade de coité, cuités, ou cabaços encontrados na região; curiosamente, não existem, na atualidade, indícios dessa vegetação tão citada em fontes bibliográficas, todavia, é verosímel a possível relação com a toponímia do local.

Características Construtivas

A Igreja de Santa Rita de Cássia (Fig. 03), benta em 1862, é composta de uma única nave medindo 151,43m², capela-mor com 59,65m², e sacristia com, aproximadamente, 28,82m². Possui em cada uma de suas laterais seis arcos plenos e cegos; Em dois deles, na parte inferior da parede, é visível que a porta foi retirada e o vão fechado.

Todo o detalhamento de cornijas, frisos, pilastras e cunhais é realizado com massa, não se verificando o emprego de materiais de maior qualidade ou riqueza. A empena, com algumas curvas, inclui um óculo envolto de folhas de acanto, e não há torre sineira, cumprindo uma das aberturas laterais esta função.

Toda a construção é composta de tijolos de barro cozido, presentes desde as fundações até as paredes estruturais, e que, tal como em Extremoz, também foram confeccionados a partir de fornos artesanais. No entanto, por se tratar já de uma construção do século XIX, as olarias existentes garantiam a obtenção de um produto cerâmico de maior qualidade.

Assim, os tijolos encontrados (Fig. 04) possuem uniformidade de formato e acabamento, embora apresentem rugosidade e porosidade à superfície. Medem 25 cm x 13 cm x 06 cm e são de cor avermelhada devido ao tipo de barro empregue (argila vermelha).

Devido possivelmente a uma fabricação ainda pouco sofisticada, alguns tijolos são mal cozidos, pois os fornos de uso corrente no período colonial, fossem de meda ou intermitente, não garantiam uma homogeneidade no cozimento.

Os tijolos pesam em média 3,15 kg e não possuem marcas de fabricantes, ausência bastante comum nos tijolos produzidos no Rio Grande do Norte.



Fig. 3: Igreja de Santa Rita de Cássia – Pedro Velho/RN.

As paredes são erguidas com os tijolos seguindo o parelho à frontal, com espessura variando de 58 cm a 65 cm, sendo assentados com argamassa de cal e barro.

A argamassa, assim como o tijolo, inclui na sua composição argila vermelha ou barro branco, apresentando, em consequência, coloração diversificada. A cal é obtida de rochas calcárias, bastante comuns no estado. Tal como no exemplo precedente, são encontrados na argamassa alguns poucos grãos de areia, possivelmente provenientes da própria composição do barro utilizado (areia barrada).

O piso encontrado, após rápida prospecção, pesa cerca de 2,15 kg, sendo também realizado com o recurso a barro cozido. Mede cerca de 21 cm x 17 cm x 04 cm, é poroso e, em geral, de geometria regular.

A pedra utilizada na igreja é empregada apenas no batente que garante a entrada principal, não se possuindo registro de sua colocação. Todavia, e de acordo com a observação efectuada, trata-se de uma pedra granítica, de textura granular, e na qual aparecem elementos passíveis de serem apreciados a olho nu. Refira-se que, em Pedro Velho, como em outras localidades do estado, o granito aflora em largas extensões.

O vão principal é encimado por um arco de descarga, cujo detalhamento é feito com a própria massa, e que distribui lateralmente a carga da parede que se encontra sobre a abertura. As janelas e portas constituem exemplos de aplicação da caixa de madeira embutida no vão para receber as folhas e dobradiças, de utilização corrente no século XIX.



Fig. 4: Uso do tijolo no século XIX – exemplo de aplicação e do mau cozimento.

A cobertura, que se encontra destruída, seria possivelmente de duas águas, com aplicação de telha canal, já que existem vestígios do uso da tesoura de madeira, do tipo canga de porco, designadamente no que se refere à existência de linhas, altas e baixas, que visavam assegurar um melhor comportamento das paredes laterais, através da limitação de eventuais impulsos horizontais transmitidos pela estrutura da cobertura.

Resultado Obtido

As igrejas do Rio Grande do Norte são marcadas pela singeleza de traçados e formas, sem o emprego de grandes ornatos. No entanto, este fato não as torna menos importantes, pois garante e acentua a sutileza de uma arquitetura comum no estado.

Não se verifica uma grande variação dos materiais e técnicas construtivas aplicados nas construções de edificações religiosas no Rio Grande do Norte. O que existe é a transformação desses sistemas construtivos ao longo dos séculos, em resultado do aprimoramento das técnicas e da sua progressiva adaptação à realidade local, através do emprego na construção da matéria-prima disponível. Refira-se, como exemplo, o uso das pedras lateríticas em áreas litorâneas.

Assim, a pesquisa efectuada incidiu no registro de cada um dos aspectos construtivos observados e aprofundados nos estudos de caso, visando uma caracterização construtiva aprofundada das igrejas, uma vez que muitos desses elementos se perderam ao longo do tempo e da memória, estando hoje transformados em ruínas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a análise interpretativa das características das tipologias construtivas dos estudos de caso acima citados, visou contribuir não só para a identificação e caracterização de elementos construtivos relevantes, mas também para o planeamento de soluções intervencionistas para esses bens, através da definição de uma metodologia apropriada ao conjunto de igrejas abrangidas na pesquisa, uma vez que a proposta de reabilitação de edifícios antigos tem adquirido uma importância crescente, numa ótica voltada para a necessidade de preservação do patrimônio arquitetônico e de garantia da funcionalidade das edificações, em especial de igrejas, dado o papel influente que assumem na sociedade e no tecido urbano.

BIBLIOGRAFIA

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Paróquias do Rio Grande do Norte*. Natal: Departamento de imprensa, 1955.
- LEITE, M. Raquel Galvão. *Lunário Potiguar Edificado - Inventário de Tipologias Construtivas de Igrejas do Rio Grande do Norte*. Dissertação de Mestrado: Arquitetura: FAUP: Porto, 2010.
- LIMA, Pedro de. *Arquitetura do Rio Grande do Norte: uma introdução*. Natal-RN: Cooperativa Cultural Universitária, 2002.